

# As potências do ato de ler: uma experiência extensionista

## Los poderes del acto de lectura: una experiencia extensionista

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2022v40n85p93-104>

HELDER SANTOS ROCHA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este relato apresenta reflexivamente uma proposta de extensão executada na modalidade curso online, durante os meses de novembro e dezembro de 2021, no Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória (UFOB), que objetivou difundir uma rotina de leituras coletivas, além de incentivar a reflexão sobre o próprio ato de ler. Com especial atenção a aspectos estéticos dos textos e às diferentes possibilidades de experiência leitora, conclui-se que é válido repensar a formação de leitores em ambientes extracurriculares, dialogando com teorias, experimentações de leituras e possibilidades outras de significação. Baseando-se em pensamentos diversos, buscamos, coletivamente, compreender e praticar o ato de ler como deslizamento de sentidos (BARTHES), como um ato de experiência (ISER), como performance (ZUMTHOR) e como emancipação política (RANCIÈRE). Desejamos e defendemos a criação de espaços dialógicos plurais a fim de que os envolvidos possam ler, discutir, imaginar, repensar, questionar, ressignificar e experienciar outras perspectivas de mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; experiência; performance.

**RESUMEN:** Este informe presenta reflexivamente una propuesta de extensión realizada en la modalidad de curso online, durante los meses de noviembre y diciembre de 2021, en el Centro Multidisciplinario de Santa Maria da Vitória (UFOB), que tenía como objetivo

1. Universidade Federal do Oeste da Bahia – Santa Maria da Vitória/BA – Brasil

difundir una rutina de lecturas colectivas, además de fomentar la reflexión sobre el acto mismo de leer. Con especial atención a los aspectos estéticos de los textos y las diferentes posibilidades de experiencia lectora, se concluye que es válido repensar la formación de lectores en entornos extraescolares, desde los diálogos con las teorías, los experimentos de lectura y otras posibilidades de significado. A partir de pensamientos diferentes, buscamos colectivamente entender y practicar el acto de leer como deslizamiento de significados (BARTHES), como acto de experiencia (ISER), como performance (ZUMTHOR) y como emancipación política (RANCIÈRE). Queremos y defendemos la creación de espacios dialógicos plurales para que los involucrados puedan leer, discutir, imaginar, repensar, cuestionar, replantear y experimentar otras perspectivas del mundo.

PALABRAS CLAVE: Lectura; experiencia; performance.

*“Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler.”*  
(Carolina Maria de Jesus, Quarto de despejo)

*“Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte.”*  
(Davi Kopenawa, A queda do céu)

## INTRODUÇÃO

É muito comum observar o fomento de práticas leitoras, sejam escolarizadas ou não, que pressupõem uma aquisição de um capital simbólico e cultural, ou mesmo de “políticas” de formação de leitores com finalidades civilizatórias. Uma espécie de regra específica para integrar o maior número possível de indivíduos na sociedade da democracia neoliberal. Um pouco parecido com o que ocorre em certas políticas econômicas, cuja lógica da racionalidade prevê que, quanto mais pessoas forem consumidores e clientes em potencial, mais cidadãos nos tornamos. Com relação à leitura de textos literários, exames pré-vestibulares e ENEM’s continuam exigindo leitores pacificados e apassivados que encontrem as respostas “certas” para determinadas questões, forjadas *a priori* por estudiosos doutos, o que anula, de antemão, a própria capacidade leitora desses leitores.

Durante muito tempo, a prática de leitura foi encarada como estágio final do circuito de aquisição de saberes, e os leitores como receptores passivos. Em alguns outros momentos, quando a leitura finalmente recebeu destaque em estudos e pesquisas, houve alguma negligência com relação ao movimento provocado durante o instante mesmo do ato de ler, como se o importante fosse apenas o significado gerado pelo “bom” entendimento do texto.

Diferentemente, esta proposta de curso de extensão buscou valorizar e retomar algumas pesquisas e alguns estudiosos, como Roland Barthes, Wolfgang Iser, Paul Zumthor e Jacques Rancière, que apontaram questões cruciais envolvendo as potências da leitura. Ao mesmo tempo, o curso estimulou a formação de outras comunidades leitoras que exercitem a autorreflexividade sobre a experiência de ler, algo que tem sido bastante negligenciado numa sociedade em que abundam fórmulas mágicas de “leitura dinâmica”, cujo propósito – o que seria um bom hábito de leitura – é a quantidade de páginas lidas. Este gesto tímido de fomentar possibilidades outras de ler textos já bastante lidos, mas muitas vezes pouco “lidos”, visou difundir rotinas e repertórios com proposições de atuação social realmente ativas no porvir.

O curso foi originado como atividade extensionista da Universidade Federal do Oeste da Bahia, no Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória-BA, campus onde atuo como docente de Língua Portuguesa. A comissão executora foi composta por mim e por Allan Pablo Pereira Santana, que é discente do curso de licenciatura em Artes Visuais. No campus funciona, além do curso de Artes Visuais, também o bacharelado em Publicidade e Propaganda. Para o público interno, mais especificamente os discentes do campus, o curso objetivou exercitar a leitura enquanto atividade criativa e questionadora, atributo requerido dos futuros profissionais professores e bacharéis, publicitários e artistas, que lidam com leituras atentas aos componentes estéticos dos textos. Por outro lado, o curso serviria como aprofundamento para membros da comunidade externa que atuam direta ou indiretamente com leitura, a exemplo de professores da educação básica, bibliotecários e profissionais da cultura que atuam na região da bacia do Rio Corrente, além de cidades circunvizinhas e demais interessados. Para além da formação de um público-leitor consciente, a intenção do curso foi sempre a de alargar o campo de suas atuações profissionais e comunitárias, ao mesmo tempo em que permitiria repensar práticas pedagógicas e pontos de vista sobre o ato de ler.

Ademais, este curso de extensão também objetivou o exercício de outras leituras por parte do docente proponente e coordenador da proposta, uma vez que parcela considerável do cronograma seria destinada à interação com outros

leitores para partilharem suas reflexões, experiências e perspectivas, o que ocasionaria uma ampliação das formas de compreensão dos textos e dos mundos, além de possibilitar a resignificação da própria subjetividade. Resumindo, não era/não foi um curso para ensinar outros a ler, mas para aprender junto com os outros outras leituras, a fim de nos tornarmos outros também.

## METODOLOGIA

O curso foi organizado da seguinte forma:

1. Houve a criação de uma sala no Google Classroom com datas e textos em formato PDF disponíveis para os inscritos poderem ler previamente; o link de acesso era fornecido já na inscrição no sistema de práticas extensionistas da UFOB. As leituras assíncronas ocasionadas daí foram contabilizadas na carga horária total.
2. Todos os encontros ocorreram aos sábados pela manhã, no horário das 9h às 12h, através do Google Meet; o link de acesso era fornecido já no mural da própria página do Classroom e funcionou muito bem.
3. Em cada um dos encontros, houve um momento expositivo-dialogado inicial, com apresentação e discussão de propostas teórico-críticas, sempre com instrumentos didático-pedagógicos que priorizavam a reflexão lúdica e multimodal, através de slides do Power Point, além de links de vídeos no YouTube, páginas de sites com fotografias, gravuras e textos verbais diversos.
4. Após um breve intervalo, havia o momento de leitura coletiva de textos variados (contos, poemas, narrativas de testemunho, diários, ensaios, performances verbivocovisuais), de autores bastante heterogêneos da literatura e do pensamento contemporâneo, a exemplo de Guimarães Rosa, Carolina Maria de Jesus, Davi Kopenawa Yanomami, Bruce Albert, Ricardo Aleixo e Arnaldo Antunes, também previamente disponibilizados no Classroom.
5. Ao fim, o microfone foi aberto para comentários sobre as sensações corporais, os aspectos estéticos detectados, os recursos discursivos identificados como relevantes para o ato de ler, a fim de cotejarmos a experiência da leitura em performance com as questões levantadas pelos teóricos lidos na primeira parte do encontro.

A metodologia aplicada priorizou a produção do experimento ocasionado das leituras, das impressões e dos diálogos tecidos em cada momento; todo saber

específico e anterior sobre os textos trazidos para as conversas foi aproveitado como elemento adicional e comparativo, não determinante para as leituras.

<b>Dia/horário</b>	<b>Texto teórico-crítico</b>	<b>Texto experimento</b>
20.11 / 9-12h	<i>Escrever a leitura e A leitura</i> , de Roland Barthes	Fragmentos de <i>Quarto de despejo</i> , de Carolina Maria de Jesus
27.11 / 9-12h	O jogo do texto, de Wolfgang Iser	Conto Famigerado, de Guimarães Rosa
04.12 / 9-12h	O espectador emancipado, de Jacques Rancière	Fragmentos de A queda do céu, de Davi Kopenawa e Bruce Albert
11.12 / 9-12h	Performance e recepção, Performance e leitura e O empenho do corpo, de Paul Zumthor	Performances verbivocovisuais de Arnaldo Antunes e Ricardo Aleixo

Tabela 1: cronograma – Fonte: autoria própria

#### ANÁLISE, REFLEXÕES E DESDOBRAMENTOS

A leitura vem sendo objeto de estudos de diferentes pesquisadores e de variadas áreas do conhecimento há um bom tempo. No campo dos estudos de linguagens, sobretudo no âmbito da Teoria Literária, a leitura e o leitor ganharam maior destaque a partir dos anos 1960, com as correntes críticas da Estética da Recepção e do Pós-Estruturalismo francês, mas, também, nas teorias sociais da comunicação, além de continuarem sendo de grande interesse para pensadores que compreendem a construção estética da arte como fruto de uma interação entre o espectador, a obra e sua autoria.

É notória, também, a relevância da leitura para o campo pedagógico, portanto, para uma gama de pensadores que acreditam na potência política dessa prática na inserção dos sujeitos na sociedade crítica, consciente e democrática. Nesse sentido, a grande referência no pensamento brasileiro, e ainda norteador para nós educadores de hoje, é Paulo Freire e sua tese de que a leitura do mundo precede a da palavra, sem tornar esta menos relevante do que aquela (FREIRE, 1989, p. 9). Trata-se de uma atividade que necessita ser encarada como potência do sujeito letrado para transformação da própria realidade, assim como também da própria ressignificação histórica.

*Barthes em diálogo com Carolina Maria de Jesus e nós, leitores*

Diante disso, torna-se relevante aprofundar a reflexão sobre a leitura, buscando verificar em que medida ela pode ser usufruída para além de um meio de aquisição de saber e de troca de informações. Ou seja, pensar na própria leitura levará, consequentemente, a entendê-la como práxis, como ato e como dispositivo em que mente, mas também corpo, trabalham, despertam sensações e imagens que transgridem os limites da racionalidade cotidiana. Para Roland Barthes, por exemplo, a leitura é Desejo, energia, porque ela desperta interesses para além do texto e da escritura (BARTHES, 2004, p. 42). O que contraria teses simplistas que colocam o leitor como estágio final de qualquer comunicação. Afinal, ler prolonga o lido e, ao invés de encerrar, inicia outra aventura.

No primeiro encontro do curso, foi possível constatar em leituras de fragmentos de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960, essa energia e essa movência do corpo para além da escritura, pois o relato perturbador da favelada semiletrada que líamos retumbava em nossas mentes, desconsertando imagens e pressupostos sobre sujeitos, estratos sociais e registros de fala e de escrita. Lendo pausadamente pedaços do diário e trechos que ressaltam a força do literário e da imaginação como elementos transgressores e transcendentais de um cotidiano limitador, os participantes, por sua vez, destacaram sensações de estranhamento, empatia e afeto.

Ficou patente a poética da reciclagem na escrita do texto, trabalhada pela narradora/autora, e percebida e experienciada na leitura que fizemos. A junção de fragmentos de palavras e expressões eruditas com termos e palavras graficamente “erradas” constitui o entrelugar da narrativa entre o diário pessoal de um semianalfabeto e o discurso literário de um eu semiletrado. Na leitura, evoca-se o processo de um aprendizado solitário e interrompido de uma leitora que rompe os limites dos usos lexicais que demarcam quem e onde se deve e se pode proferir tais sentenças. O “eu” que lemos no diário está entre a favela do Canindé, em São Paulo, e o mundo ficcionalizado nos textos que Carolina leu. A transgressão operada pela escrita da autora favelada nos impulsiona a transgredir os lugares comuns das nossas parcas perspectivas sobre os outros e sobre a própria vida. Lembra muito a imagem de Arthur Bispo do Rosário<sup>2</sup>, que entrega ao mundo um tecido de retalhos dos mundos triturados pelo neoliberalismo, os restos dos consumos midiáticos, as sobras da globalização nada equitativa. Trata-se de uma resposta de leitura/escritura, como diria Barthes (2004), ao texto do mundo.

2. Para conhecer Arthur Bispo do Rosário: <https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>.

*Iser em diálogo com Guimarães Rosa e nós, leitores*

Esse gesto provocado na/pela leitura, que não é inocente, mas também não é inteiramente consciente, traduz a experiência de uma subjetividade inquieta, que se desdobra quando o imaginário se torna ativado pelo texto, a partir do ato da leitura. Conforme apontou Wolfgang Iser, a leitura de um texto, sobretudo do texto ficcional, permite a experimentação de outras existências, de outras agências e de outros mundos, porque o texto é um jogo que é dado ao leitor jogar (ISER, 1979, p. 116). Mas a obra, o texto, a estrutura discursiva, ainda estão ali, montados e organizados de certas formas para despertar no leitor o desejo por este jogo.

No segundo encontro, lemos e comentamos o conto “Famigerado”, de Guimarães Rosa, que faz parte do livro *Primeiras Estórias*, publicado em 1962. Aparentemente hermético num primeiro momento, o conto foi se desenrolando em novelo e os cursistas intervieram com questões, dúvidas e inferências relevantes sobre os elementos da escrita rosiana. O incômodo do “branco” provocado quando alguém se depara com termo cujo significado é desconhecido deixa a leitura repleta de solavancos, mas, também, de profusões de estalos. Isso porque, quando dialogamos sobre os sentidos dos léxicos ao fim da leitura, alguns clarões foram se manifestando, sobretudo com relação às possibilidades interpretativas do título “famigerado”. Mesmo muitos participantes sendo oriundos de cidades do interior baiano e da vida campesina, houve, sem sombra de dúvida, um estranhamento com o léxico proferido pelo personagem Damázio, o jagunço que buscava o significado do termo famigerado; isso devido, primeiro, às intervenções linguísticas do autor mineiro à fala típica dos viventes do sertão das Gerais, além do distanciamento temporal, uma vez que atualmente já há televisão e sinal de celular com acesso à internet em boa parte da zona rural do país, portanto, interconectando falas e formas de comunicação que antes sequer se aproximavam.

Constatamos, ainda, o jogo perspectivístico ressaltado por Iser (1979), quando muitos cursistas destacaram os pontos de vista e as perspectivas envolvidas na cena tensa entre o jagunço e o doutor sábio das letras de papel. Ou seja, quem narra é o médico, detentor de diploma e, na perspectiva de Damázio, o oráculo que solucionará sinceramente o seu desconhecimento. Quando, por fim, os leitores reconhecem que o doutor não responde com sinceridade à demanda do outro, utilizando-se de sua argúcia interpretativa e escolhendo um dos lados da ambígua significação do termo, quiçá pelo medo do outro, as reflexões manifestadas indicam a complexidade dos contratos sociais envolvidos e das relações de poder inerentes aos usos da

língua. O que, também, faz pensar sobre nossas posições no mundo e nos usos que fazemos da linguagem, além dos efeitos políticos das nossas leituras.

*Rancière em diálogo com Davi Kopenawa e Bruce Albert, além de nós, leitores*

Podemos, assim, pensar na leitura enquanto tradução constante entre espectadores ativos, autores e textos/discursos, buscando na possibilidade de reorganizar os lugares estabilizados aprioristicamente uma forma, dentre outras, de imaginar outros modos de existir, de partilhar sensibilidades e de conviver com as diferenças. Pois, segundo Jacques Rancière,

O poder comum aos espectadores não decorre de sua qualidade de membros de um corpo coletivo ou de alguma forma específica de interatividade. É o poder que cada um tem de traduzir à sua maneira o que percebe, de relacionar isso com a aventura intelectual singular que o torna semelhante a qualquer outro, à medida que essa aventura não se assemelha a nenhuma outra (RANCIÈRE, 2012, p. 20).

No terceiro encontro, deparamo-nos com um dos grandes livros publicados nos últimos anos no Brasil, além de um imenso desafio para nós leitores de língua portuguesa como interlocutores de uma alteridade que, ao mesmo tempo que próxima, também é tão distante, como o diálogo com os povos indígenas na sua perspectiva de mundo. Lendo poucos trechos, mas cuidadosamente, do ensaio etnobiográfico de Davi Kopenawa, tendo como coautor o antropólogo Bruce Albert, intitulado *A queda do céu*, de 2015, nos doamos em conjunto a “ouvir” as palavras escritas do Yanomami, que optou por dizer em português aquilo que, mais dificilmente, entenderíamos na sua língua de origem. Buscando acompanhar os desenhos imaginários do raciocínio de Kopenawa através de termos metafóricos, e aparentemente simplórios, do português, a exemplo de “povo da mercadoria”, paramos alguns momentos, levantamos a cabeça e dialogamos acerca das diversas perspectivas de mundo apontadas no uso da linguagem, como quando Davi nos diz sobre a ausência de legitimidade do nome próprio para seu povo como forma de identificar uma singularidade inerente e eterna.

Torna-se relevante destacar a participação de uma cursista, antropóloga de formação e pesquisadora de etnias indígenas, em todos os encontros, contudo de forma mais contundente e decisiva neste momento. Despertada pela escrita de Kopenawa, ela

generosamente partilhou a sua leitura do texto, destacando elementos do uso da linguagem como o poder encantatório e o alargamento da memória dos povos originários, em contraste nítido com a forma redutora e objetiva de comunicação do homem branco, além de ter partilhado, também, a sua própria experiência na convivência com outras comunidades indígenas e na complexidade de tessitura de pontes de interação entre os diferentes mundos. É claro que a leitura de trechos em que o antropólogo Bruce Albert comenta questões da produção do livro, com dupla autoria e vários desdobramentos subjetivos, auxiliou a participante a refletir sobre sua própria ação e suas perspectivas autorais na produção de um pensamento antropológico coletivo. A palavra tradução, como forma de transcrição de saberes e de informações, para lembrarmos Walter Benjamin e Haroldo de Campos, foi bastante discutida entre nós neste dia.

*Zumthor em diálogo com Ricardo Aleixo, Arnaldo Antunes e nós, leitores*

Ainda que mecanismos de controle, censura e interdição do discurso busquem domesticar os desejos, as vozes e as potências, como assim nos demonstrou Michel Foucault (2009), a leitura, se tomada enquanto performance, permite a emergência de formas consideradas outras do ser e da pluralidade de vida. Para isso é preciso ouvir e perceber a leitura, o “como” do texto, e não somente o “que” do texto, aquele seu conteúdo pressuposto, pois “comunicar (não importa o quê: com mais forte razão um texto literário) não consiste somente em fazer passar uma informação; é tentar mudar aquele a quem se dirige; receber uma comunicação é necessariamente sofrer uma transformação” (ZUMTHOR, 2007, p. 52). Algo que exige atenção à própria mensagem, à sua transmissão, e, por conseguinte, à sua re-evocação.

Finalizando o curso, permitimo-nos performar letras vivas nas vozes e corpos de dois autores contemporâneos que dificilmente se deixam enquadrar em um único ofício da produção artística. Ricardo Aleixo, poeta mineiro, negro, pesquisador das poéticas da voz e do corpo, além de compositor e artista visual, declama, canta, dança e ritualiza sentidos e sensações em seu vídeo-performance “Livro ambiente”, a pedido da revista *O Menelick 2 Ato*. Neste momento, optamos por assistir, enquanto espectadores emancipados, a própria performance de Aleixo que se encontra no canal do YouTube da revista. Nos quase dez minutos de duração, já não temos somente os olhos e as mentes acompanhando letras em silêncio, mas a voz e as imagens em movimento, guiando traços, ritmos, entoações, expressões e movimentos ritualísticos. É nítido o quão perturbador

se torna, ao mesmo tempo que fascinante, a entrega do leitor ao texto “vivo”, em que cada um, em sua leitura ampliada e complexa, compõe seus próprios sentidos a partir das sensibilidades despertadas em ato. Até mesmo para quem desconhece e não compactua com as crenças nas religiões de matriz africana, o rito sonoro-corporal manifestado no/pelo poeta acaba se tornando mensagem de uma potência ancestral ainda pulsante.

Na segunda performance, o cantor, compositor e poeta Arnaldo Antunes, em um show-live na Galeria Psicoativa Tunga, em Inhotim/Brumadinho-MG, buscando formas de transgredir as limitações sanitárias impostas para evitar a propagação da Covid-19, apresenta grandes sucessos de suas composições musicais, além de canções recentes, ao lado do pianista Vítor Araújo. Criando diálogos improváveis e férteis com a cenografia, que já se trata de uma instalação de um artista visual renomado, e escrevendo oralmente outros itinerários para as suas letras, o que vemos, ouvimos e experienciamos é uma conclamação à vida, à consciência histórica e à urgência do presente. Os acordes graves do piano, o olhar sério do poeta e os tons violentos das rimas que bradam as piores desgraças reais na música *O real resiste*<sup>3</sup> são exemplos das potências verbivocovisuais que aprofundam questões da realidade, não pelas vias rasas da comunicação objetiva, mas pelas vias/veias abertas da afetividade humana.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, com ensejos e arroubos simples, a leitura ganha tímida, porém, central atenção, porque compreende-se que exercitá-la enquanto atividade percebida e pensada, e não só mecanicamente exercitada, permite a criação de comunidades leitoras potencialmente atuantes na sociedade. O curso de extensão executado e agora apresentado de forma reflexiva é somente uma amostra das inúmeras possibilidades da criação de comunidades leitoras que pensem o ato de ler.

Por fim, ressalta-se a satisfação que é/foi perceber o interesse da maioria dos inscritos em participar de todos os momentos do curso, mesmo quando estávamos em quase três horas de reunião síncrona, em sábados pela manhã, com muitos dos “presentes” enfrentando sérios problemas de conectividade e de acesso à internet, além de alguns outros participando até de filas de hospitais (como um

3. Exatamente aos 4:55' do show-live.

caso em que a cursista confessou estar acompanhando a mãe na UPA). Nesse sentido, o envolvimento, a atenção, as dúvidas manifestadas e a descoberta de possibilidades libertadoras de leitura, ingredientes fundamentais para a ocorrência desta experiência extensionista, são as razões para, com certeza, continuarmos a executar outros projetos de extensão, além de outras práticas pedagógicas, a fim de reunir sujeitos para ler e estarem disponíveis para transformações de si e do mundo em que vivem. Mas claro que é necessário incentivo para isso. E se não há, já sabemos qual projeto de sociedade está em curso.

#### REFERÊNCIAS

- ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO. Museu Arthur Bispo do Rosário, 2021. Disponível em: <https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>. Acesso em: 12/dez/2021.
- ALEIXO, Ricardo. **Ricardo Aleixo # Livro Ambiente**. Youtube, 5 fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7FzSY61eEdQ>. Acesso em: 05/dez/2021.
- ANTUNES, Arnaldo. **Inhotim em Cena 2021**: Arnaldo Antunes. Youtube, 29 maio 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ieY-JN1unFI>. Acesso em: 06/dez/2021.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 105-118.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Edição Popular, 1963.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- ROSA. João Guimarães. **Primeiras Estórias**. 1. ed. especial. 5. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SOBRE O AUTOR

**Helder Santos Rocha** é Professor Assistente de Língua Portuguesa do Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória, campus da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Membro do grupo de pesquisa (CNPq) “Estudos sobre ficção histórica no Brasil”.  
*E-mail:* heldersantosrocha@gmail.com.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9871-2334>.

*Recebido em 24 de dezembro de 2021 e aprovado em 20 de setembro de 2022.*